



**O grito ensurdecedor da guerra, tornado música, irrompia aos ouvidos de todos, numa torrente de massas sonoras, devastadora e portentosa**

**Pedro Amaral**

## Um requiem para Penderecki



**Opinião**  
**Pedro Amaral**

Faleceu hoje, aos 86 anos de idade, na sua Polónia natal, Krzysztof Penderecki (1933-2020) – o decano dos compositores do tempo presente. Foi ao mesmo tempo o último dos mestres do pós-Segunda Guerra Mundial e um vulto à parte nessa geração de ouro que floresceu na Europa dos anos 1950 e que transformou de forma irreversível o pensamento musical do Ocidente.

Nascidos entre conflitos mundiais, Pierre Boulez, Luciano Berio, Karlheinz Stockhausen, Luigi Nono ou György Ligeti, entre outros, iniciaram as suas vidas profissionais num continente em escombros, marcado pela perda de milhões de vidas humanas, pelo luto e pela desolação. Mas marcado também por um extraordinário impulso de vida, que, em escassos anos, soube transformar os escombros em terreno fértil e o luto numa forma de recomeço que rapidamente se iria materializar numa inaudita explosão de modernidade estética.

É surpreendente constatar a quase ausência da guerra, do luto, da desolação nas obras destes músicos ao longo dos anos 1950. Com poucas e eminentes exceções (como o admirável *Canto sospeso* de Luigi Nono), esta geração é sobretudo marcada por uma frieza objetiva e racional, por uma análise cartesiana dos meios criativos, por uma abstração intransigente das suas geometrias sonoras. Há nestes compositores como que uma barreira psicológica intransponível, um ascetismo que parece distanciar a sua música de qualquer emotividade imediata.

É neste contexto que Penderecki se virá a impor, justamente, como um caso à parte. Mais novo do que

os supracitados colegas da Escola de Darmstadt, estava a entrar na adolescência quando a paz chegou à Europa na primavera de 1945. Ao longo da década seguinte, a leste da Cortina de Ferro, estudará violino e teoria musical até se consagrar inteiramente à composição. As primeiras peças do seu catálogo datam de meados dos anos 1950; e quando em 1961 estreia *Trenodia para as Vítimas de Hiroshima*, composta no ano anterior, o seu nome salta fulgurantemente para a ribalta internacional como uma verdadeira revelação: o modernismo mais radical, as sonoridades mais ásperas e todo um território sonoro praticamente inexplorado ombreavam, surpreendentemente, com novas qualidades expressivas e com um dramatismo que parecia definitivamente arredado da contemporaneidade musical. O grito ensurdecedor da guerra, tornado música, irrompia aos ouvidos de todos, numa torrente de massas sonoras, devastadora e portentosa.

Emergindo rapidamente como uma das figuras mais heterodoxas da cena internacional, Penderecki continuaria a surpreender, ao longo dos anos 1960, pela utilização de materiais sonoros inéditos, formalizados através de novas propostas de escrita musical, lado a lado com uma componente expressiva e com uma dimensão espiritual de que nunca abdicou. Porventura a obra máxima desta confluência será, em 1966, a *Paixão Segundo São Lucas*, que nos faz percorrer as palavras do evangelista através de sonoridades de intenso cromatismo, com as suas manchas, linhas e contrapontos sonoros, inscritos num “tempo liso”, ora encenando ora reverberando livremente o sentido verbo sagrado. Obra sumptuosa pela sua riqueza, profundidade e dimensão, não pode deixar de ser vista, por outro lado, como um ato de irreverência face ao ateísmo do regime, o que

lhe confere também uma leitura política.

As duas dimensões, de resto, surgem associadas em diversas outras peças sacras nas quais o compositor exprime simultaneamente a sua devoção religiosa e a sua visão política, num catálogo extenso que terá talvez o seu ponto mais alto no *Requiem Polaco*. Composto ao longo de vários anos, a escrita começou praticamente pelo meio do texto litúrgico, num *Lacrimosa* à memória das vítimas dos protestos antigovernamentais de dezembro de 1970, em Gdansk. Encomendada dez anos mais tarde pelo histórico sindicato Solidariedade, a peça será dedicada a Lech Walesa e constituirá o ponto de partida para uma obra mais vasta, na grande tradição da liturgia musical, na qual várias partes têm um dedicatário religioso ou político. Verdadeiro *magnum opus*, o *Requiem* foi estreado em 1984, mas só duas décadas mais tarde viria a completar-se com uma *Ciaccona* à memória de João Paulo II, escrita na sequência da sua morte.

O já mencionado dramatismo e as qualidades expressivas da música de Penderecki constituíram, por outro lado, um terreno fértil para o teatro. Entre meados dos anos 1960 e o início da década de 1990, esteve envolvido em diversos projetos cénicos, entre



**Com esta morte finda efetivamente esta geração de ouro que nasceu entre conflitos mundiais e que pontificou desde o segundo quartel do século XX**

os quais a ópera *Paraíso Perdido*, a partir do poema homónimo de Milton, estreada em Chicago em 1978 e retomada em Milão, no La Scala, no ano seguinte. Mas a mais conhecida associação da música de Penderecki às artes dramáticas surgirá desde finais dos anos 1960 no universo do cinema. *O Exorcista* (1973), *Shining* (1980) e *Um Coração Selvagem* (1990) são alguns dos filmes que trouxeram a sua música para o grande ecrã e lhe deram projeção mundial junto do grande público.

A partir dos anos 1970, abundam na obra de Penderecki formas mais tradicionais e uma escrita cada vez menos conotada com a modernidade radical que caracterizou o início dos seus trabalhos. No último quartel do século XX, multiplicaram-se as sinfonias (escreveu 8 entre 1973 e 2005) e os concertos para uma ampla diversidade de instrumentos, quase sempre dedicados a alguns dos mais importantes solistas no plano mundial. Escritos, respetivamente, para Isaac Stern (em 1977) e para Anne-Sophie Mutter (em 1995), os dois concertos para Violino testemunham, por exemplo, uma estética em plena transformação, na qual a imediatez expressiva se vai cada vez mais impondo às sonoridades novas e inesperadas com que, nos anos 1960, nos surpreendia.

Faleceu Krzysztof Penderecki, a quem chamamos “o “decano dos compositores do tempo presente” e é um lugar-comum afirmar que com a sua morte ficamos mais pobres. Mas, neste caso, é uma verdade mais ampla, porque com esta morte finda efetivamente esta geração de ouro que nasceu entre conflitos mundiais e que pontificou desde o segundo quartel do século XX. Fica-nos a sua herança, o seu extraordinário exemplo e a sua ausência tão presente.

**Compositor e director artístico da Orquestra Metropolitana Lisboa**